



**UNIVERSIDADE ESTADUAL
PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”**
Faculdade de Ciências - Bauru



LETÍCIA LOPES CEZAR

**AS DISCIPLINAS ESPORTIVAS E AS AULAS PRÁTICAS NO CURSO DE
FORMAÇÃO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERSPECTIVAS DE
GRADUANDOS**

BAURU

2018

LETÍCIA LOPES CEZAR

**AS DISCIPLINAS ESPORTIVAS E AS AULAS PRÁTICAS NO CURSO DE
FORMAÇÃO SUPERIOR EM EDUCAÇÃO FÍSICA: PERSPECTIVAS DE
GRADUANDOS**

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Bauru, como requisito para aprovação e obtenção da graduação no curso de Licenciatura em Educação Física.

BAURU

2018

Dedico este trabalho a todos os professores, em especial aos professores de Educação Física, que buscam promover uma formação de qualidade aos nossos alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por guiar meus caminhos e minhas decisões, porque sem Ele nada disso teria se tornado realidade e por todas as benções derramadas sobre mim.

Aos meus pais e irmãos que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa da minha vida.

Aos meus familiares e amigos por sempre me apoiarem e acreditarem em mim, incentivando-me e orando por mim.

Aos graduandos do curso de Educação Física que contribuíram com suas participações na pesquisa para que este trabalho se tornasse realidade.

Aos docentes do curso de Educação Física que disponibilizaram um espaço em suas aulas para que pudessem ser realizadas as coletas de dados.

À minha orientadora e professora Dr.^a Lilian Aparecida Ferreira por ter me aceitado como sua orientanda, por ter apoiado a escolha do tema e por ter me ajudado com todo o trabalho.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

(Nelson Mandela, 2003)

RESUMO

No Brasil, a Educação Física nas escolas chegou por meio das influências dos métodos ginásticos, em meados de 1841, e a formação superior só se deu em 1931, com a criação da primeira Escola Civil de Educação Física do Estado de São Paulo. Desde então a Educação Física passou por diversas configurações, todavia mesmo que a área tenha materializado uma construção própria no campo da atuação profissional e epistemológica, as práticas corporais ainda se mostram como um conteúdo importante para a formação inicial do futuro profissional de Educação Física que atua na escola. Com isso, os objetivos deste estudo foram investigar os motivos apresentados pelos graduandos de Educação Física, da área da Licenciatura, para a não realização das aulas práticas das disciplinas de Natação, Karat   e Handebol, referente a orienta  o às práticas corporais, bem como a importância que a atribuem para a forma  o docente. Participaram deste trabalho 11 licenciandos do curso de Educa  o Física de uma Universidade Pública do interior do Estado de São Paulo, no qual teve como instrumento metodológico a aplica  o de questionário e observa  o semiestrutura. Os resultados encontrados relativos aos motivos que levam os alunos a não participarem das aulas práticas foram: dor muscular e lesão, problemas de saúde, menstrua  o e desânimo. Já sobre a importância que atribuíram às aulas práticas, todos os participantes responderam que as consideram muito importante para a forma  o. Com base nestes resultados, podemos apontar que o que parece inviabilizar a participa  o dos licenciandos está vinculado, em sua maioria, a motivos físicos e de saúde, mas que apesar deles considerarem as aulas práticas como um fator importante,    algo que ainda precisa ser posto em a  o, visto que a participa  o implica diretamente em sua forma  o.

Palavras-chave: Forma  o inicial, Aulas práticas, Não participa  o, Educa  o Física.

ABSTRACT

In Brazil, physical education in schools came through the influence of gymnastic methods in the middle of 1841, and the superior formation only occurred in 1931, with the creation of the first Civil School of Physical Education of the State of São Paulo. Since then Physical Education has undergone several configurations, however, even if the area has materialized its own construction in the field of professional and epistemological performance, corporal practices still show as an important content for the initial formation of the future Physical Education professional that acts in school. Therefore, the objectives of this study were to investigate the reasons presented by the undergraduate students of Physical Education in the Licentiate area for the non-performance of the practical classes of the disciplines of Swimming, Karate and Handball, referring to the orientation to the corporal practices, as well as the importance which they attribute to teacher training. Eleven undergraduates from the Physical Education course of a Public University in the interior of the State of São Paulo participated in this study, in which the questionnaire and semistructure observation was applied as methodological instrument. The results found regarding reasons that lead the students to not participate in the practical classes were: muscle pain and injury, health problems, menstruation and discouragement. Already on the importance they attributed to the practical classes, all the participants answered that they consider them very important for the training. Based on these results, we can point out that what seems to make the participation of the graduates unfeasible is mostly linked to physical and health reasons, but although they consider the practical classes as an important factor, it still needs to be put in action, since participation directly implies their formation.

Keywords: Initial training, Practical classes, Non-participation, Physical Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro de Perguntas.....	23
Quadro 2 – Roteiro de Observações	24
Quadro 3 – Motivos da não participação nas aulas práticas	27

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – A não participação nas aulas práticas por sexo.....	26
Gráfico 2 – A não participação nas aulas práticas por ano	26
Gráfico 3 – A não participação nas aulas práticas por disciplina.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS DISCIPLINAS ESPORTIVAS	15
1.1 A formação inicial em Educação Física.....	15
1.2. Disciplinas esportivas na formação inicial em Educação Física.....	19
CAPÍTULO 2 - PROCESSOS METODOLÓGICOS	21
2.1 Delineamento.....	21
2.1.1 Ficha de Cadastro.....	22
2.1.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	22
2.1.3 Questionário.....	22
2.1.4 Observação Semiestruturada.....	23
CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	25
3.1 Apresentação dos resultados.....	25
3.2 Análise dos resultados.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE A – FICHA DE CADASTRO	39
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	40
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO	41
APÊNDICE D – ROTEIRO DE OBSERVAÇÕES	42

INTRODUÇÃO

De 1889 a 1930, aproximadamente, a Educação Física foi marcada pela fase higienista, realizada por médicos que buscavam promover a saúde. Almejando um corpo menos vulnerável a doenças, a Educação Física promovia uma educação do corpo, visando o corpo saudável. Para isso os médicos assumiram esta função higienista, mudando os costumes da população em relação à saúde e higiene (BRASIL, 1997). Esse período nacional foi muito inspirado pela Ginástica, recebendo muita influência das Escolas alemã, francesa, inglesa e nórdica, passando por um processo de elaboração e validação de diversos métodos de ensino. Tais métodos ginásticos, exercícios feitos em aparelhos ou de modo livre, tinham como objetivo desenvolver o aspecto físico do corpo humano (PEREIRA; MOULIN, 2006). Arantes (2002) menciona que os alunos realizavam os métodos ginásticos em sala de aula, objetivando a melhora da saúde e o condicionamento físico por meio de exercícios acrobáticos. “Na província do Amazonas, é expedido um documento regulamentado para a instrução pública primária” (ARANTES, 2008). Trecho deste documento será apresentado a seguir.

Com a instrução primária, se dará também a educação física e moral, a saber; a educação constituirá em limpeza, exercícios e posições e maneiras do corpo, asseio e descências do vestuário, o mais simples e econômico possível, danças e exercícios ginásticos, ornicultura, passeios de instrução. (MARINHO, 1943).

Paiva e Paiva (2001) apresenta o decreto n. 8025, de 16 de março de 1852, determinando exercícios ginásticos, flexões, corridas, entre outros, para os alunos das Escolas Normais. Mais tarde, em 1873, foi enviado um documento à Comissão:

O ofício que encaminhava motivos e projetos explicativos para a realização nas escolas públicas de *Instrução* primária do sexo masculino, o ensino racional, *methódico* e progressivo da *gymnástica* elementar (visando) o desenvolvimento *physico* dos alunnos, (como) aconselhado pelos preceitos higiênicos e regras de boa educação e civilidade (PAIVA; PAIVA, 2001).

Na década de 1930, caracterizada pela fase militarista, tomada pelos militares com o objetivo de formação disciplinar, se buscava formar homens e mulheres capazes de resistirem as lutas e guerras, aperfeiçoando a raça (CAVALHEIRO et al., s.d.).

Na década de 30, no Brasil, dentro de um contexto histórico e político mundial, com a ascensão das ideologias nazistas e fascistas, ganham força novamente as ideias que associam a eugeniação da raça à Educação Física. O exército passou a ser a principal instituição a comandar um movimento em prol do “ideal” da Educação Física que se mesclava aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar. (BRASIL, 1997, p. 20)

A partir de 1945 a 1964, uma nova fase é implementada, a fase pedagogicista, ou também chamado Movimento Desportivo Generalizado (MDG). Aqui os métodos ginásticos, que levavam forte influência para as aulas de Educação Física, começaram a perder espaço. A Educação Física passa de prática da promoção de saúde e disciplinar para um processo mais educativo (GHIRALDELLI, 1998). A finalidade é ensinar regras de convívio democrático e valores altruístas (PEREIRA; MOULIN, 2006).

Com a Ditadura Militar, instaurada em nosso país, cria-se a fase competitivista, indo de 1964 a 1985, na qual dava-se ênfase às técnicas, valorizando o esporte e a competição. Ghiraldelli (1998) escreveu que a Educação Física competitivista valorizava o “culto do atleta-herói”, trabalhando nas aulas o alto nível esportivo, caracterizando-se por treinamento desportivo e seleção de talentos.

A partir de 1985 entrou em vigor a fase da Educação Física popular, que deu espaço a novas tendências, valorizando o social.

A Educação Física Popular não está preocupada com a saúde pública, pois entende que tal questão não pode ser discutida independentemente do levantamento da problemática forjada pela atual organização econômico-social e política do país. A Educação Física Popular também não se pretende disciplinadora de homens e muito menos está voltada para o incentivo da busca de medalhas. Ela é, antes de tudo, ludicidade e cooperação, e aí o desporto, a dança, a ginástica etc. assumem um papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores. E, mais que isso, a Educação Física serve então aos interesses daquilo que os trabalhadores historicamente vêm chamando de “solidariedade operária.” (GHIRALDELLI, 1998, p. 21).

Há aí um certo estabelecimento de vínculo entre o que ocorria nas escolas brasileiras com a Educação Física escolar e a formação profissional em Educação Física. Embora as intervenções na escola tenham se dado desde o final do século XIX, a formação de professores de Educação Física no âmbito civil só começou a ser pensada a partir de 1931. Isso se deu com a criação do primeiro curso na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, tendo seu funcionamento efetivado em 1934 (SOUZA NETO *et al.*, 2004). Cinco anos mais tarde, em 1939, houve a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos na Universidade do Brasil a partir

do decreto-lei n. 1.212 (BRASIL, 1939). Este mesmo decreto, no art. 35, em 1941, tornou-se obrigatório a presença do diploma para exercer o cargo de professor, nas instituições federais, estaduais e municipais. Mais tarde, em 1943, houve a expansão para as instituições privadas.

A partir de 1º de janeiro de 1941, será exigido, para o exercício das funções de professor de educação física, nos estabelecimentos oficiais (federais, estaduais ou municipais) de ensino superior, secundário, normal e profissional, em toda a República, a apresentação de diploma de licenciado em educação física.

Parágrafo único – A mesma exigência se estenderá aos estabelecimentos particulares de ensino superior, secundário, normal e profissional de todo o país, a partir de 1º de janeiro de 1943. (SÃO PAULO, 1985, p. 38).

Souza Neto *et al.* (2004) citam que no ano de 1945, o currículo passou por algumas transformações e implementou disciplinas voltadas para a formação pedagógica, entrando em vigor Didática, por exemplo, em 1969.

Ainda no que corresponde à formação de professores de Educação Física, em 1987 foi criada uma nova configuração para a área, resultando no curso de bacharelado em Educação Física. Diferente do curso de licenciatura que acompanhou e consolidou uma longa trajetória relativa à formação de professores de Educação Física, o curso de bacharelado surgiu com a expectativa de atender uma nova demanda de profissionais que estava sendo solicitada pelo mercado de trabalho, destacadamente em razão das academias de ginásticas.

Ainda que a área, em virtude destas duas possibilidades de formação (licenciatura e bacharelado), tenha passado por intensas mudanças em prol das novas demandas criadas, tanto em uma quanto em outra a valorização das disciplinas esportivas/práticas continuou sendo algo importante nas estruturas curriculares.

A Educação Física no âmbito escolar é uma área que se caracteriza pela prática corporal. Prática está vinculada a um conjunto de conhecimento relacionados a aspectos históricos, sociais, econômicos, éticos, estéticos, ou seja, “[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica” (SOARES *et al.*, 1992, p. 33). Sob esta perspectiva, o docente de Educação Física é o profissional responsável pela mobilização corporal dos alunos, na medida em que pode, com isso, construir condições de vivências das diversas manifestações da Cultura Corporal de Movimento também fora da escola. Daolio (1998) conceitua Cultura Corporal de

Movimento, como um conhecimento da Educação Física que se faz a partir da dança, da ginástica, do jogo, do esporte e da luta.

Mas como um professor pode germinar o interesse pelas práticas corporais entre seus alunos se, em sua formação inicial, na graduação, ele não se mostrava interessado e nem disposto a participar das aulas práticas?

Ou ainda, será que os motivos que levam os graduandos a não realizarem as aulas práticas no curso de graduação em Educação Física podem ser os mesmos motivos dos alunos da Educação Básica que tem este componente curricular?

Qual o grau de importância atribuído pelos graduandos do curso de Educação Física às práticas corporais que lhe são oferecidas no Ensino Superior?

Neste sentido, os objetivos deste trabalho foram investigar os motivos apresentados pelos graduandos de Educação Física, da área da licenciatura, para a não realização das aulas práticas das disciplinas de orientação às práticas corporais, bem como, identificar a importância que atribuem para a formação docente.

CAPÍTULO 1

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E AS DISCIPLINAS ESPORTIVAS

1.1 A formação inicial em Educação Física

A formação inicial dos professores é algo muito relevante, pois um professor com uma formação ruim pode ter influências negativas sobre inúmeros aspectos acerca da construção dos estudantes, comprometendo desde os modos de compreender a realidade até as intervenções sobre ela. Já o docente com uma boa formação inicial, ainda que tenha desafios diversificados em sua constituição enquanto professor ao longo de sua trajetória profissional, costuma ter mais possibilidades de promover mudanças em prol dos direitos humanos universais a partir do domínio do conhecimento específico da área que ensina e também do conhecimento pedagógico do conteúdo (SHULMAN, 1986).

A formação do profissional de Educação Física, como a própria introdução deste estudo narrou, esteve pautada pela esportivização, sendo muito mais orientada pelos princípios do esporte do alto nível do que pela preocupação com uma formação que desse suporte para as reflexões sobre a profissão docente.

Com isso, o reflexo que podemos ver hoje nas Universidades, é que ainda existem docentes que trabalham de forma a ensinar apenas as técnicas e táticas, deixando de lado a criticidade dos assuntos trabalhados. Um outro problema que se enxerga no nosso ensino atual é que poucos professores conseguem trazer a teoria para a prática, e vice-versa, tornando teoria-prática algo distante para os graduandos, o que aumenta ainda mais essa dicotomia.

Assim, apontamos três possíveis fatores que poderiam contribuir para uma boa formação de um futuro professor de Educação Física, são elas: um ensino que busque reflexões para com o conteúdo, um envolvimento de teoria e prática para com o contexto real, uma sólida formação didática (envolvendo domínio do conteúdo e conhecimento pedagógico do conteúdo).

Na década de 1980, como o país tinha uma forte influência esportivista, houve a tentativa de um rompimento com este modelo e algumas instituições introduziram um novo currículo (DARIDO, 1995). Betti e Betti (1996) apresentaram dois tipos de

currículos em relação a teoria-prática que se estabeleciam na época (um mais tradicional e outro que estava em processo de consolidação). O currículo tradicional-esportivo ressaltava as práticas, especialmente o esporte. Já o currículo técnico-científico dava ênfase ao teórico, abrindo assim, espaço às ciências humanas e à filosofia.

Essa relação teoria-prática foi (e ainda é!) muito questionada, pois alguns professores veem como algo dicotômico, tornando-a distante para os graduandos e contribuindo para a não visualização desta relação no dia-a-dia da profissão, não trazendo isso para a realidade.

O problema da relação teoria x prática ocorre fundamentalmente devido ao paradigma positivista que domina a produção do conhecimento. Ou seja, se por um lado as características da produção do conhecimento atenderam as exigências da ciência positivista, por outro lado pouco auxiliam na prática pedagógica da Educação Física. (LAWSON, 1990 *apud* DARIDO 1995, p. 126).

Este paradigma positivista, citado por Darido (1995), refere-se às pesquisas realizadas em situações artificiais, ou seja, em laboratórios, buscando uma fundamentação teórica generalizadora. Tal postura negligencia o contexto de trabalho do profissional, na medida em que emprega tarefas distantes do contexto real, fragmentando o conhecimento. Segundo Perez Gomez (1992), este aspecto vem impedindo que os conhecimentos auxiliem na prática do profissional de Educação Física.

A seguir, apresentaremos três depoimentos de alunos do último ano da graduação em Educação Física, coletados por Betti (1994 *apud* DARIDO, 1995) que resumem nossas ponderações até aqui sobre o modo como os professores lidam com a teoria e a prática:

[...] as disciplinas deveriam ser mais teórico-práticas, não só teoria, não adianta saber, por exemplo, que tem que fazer o alongamento do músculo tal, acho que deveria demonstrar, saber como tem que fazer. O professor só diz que tem que alongar mas não diz como é. Acho que tem que ser mais completo, acho que tem que ter mais experiência - teoria x prática.
 [...] então eu acho que o dia a dia faz com que você consiga ver a teoria na prática, você recebe a criança e pensa - espera lá - o que o professor falou mesmo? - Será que o que ele falou vai dar certo? Daí dá para relacionar.
 [...] a pessoa chega lá fora e é aquele choque quando vai dar aula. Não sabe nem o que vai falar com os alunos. Se já tivesse tido alguma experiência seria mais fácil. (BETTI, 1994 *apud* DARIDO, 1995, p. 127).

Apesar desses estudos terem sido, muito deles, realizados na década de 1990, podemos ver certa semelhança com a formação atual, ou seja, mesmo diante dessas discussões e problematização, os docentes ainda continuam preparando suas aulas com fragilidades na relação teoria-prática, entendendo-as como oposição. Lawson (1993 *apud* DARIDO, 1995) diz que apesar do investimento e modernização das faculdades perante seus currículos, a teoria na prática continua insolúvel.

Precisamos entender que a formação superior do professor de Educação Física não se baseia apenas em teorias científicas, é preciso adquirir muito mais conhecimentos de um cenário real. “O professor de Educação Física quando ensina atividades da cultura corporal utiliza diferentes fontes de conhecimento e não apenas a científica” (DARIDO, 1995, p. 126). De acordo com Schon (1992): “Primeiro ensinam-se os princípios científicos relevantes, depois a aplicação desses princípios e, por último, tem-se um *practicum* cujo objetivo é aplicar à prática cotidiana os princípios da ciência aplicada” (p. 91).

Devemos sim valorizar as vivências práticas durante a formação inicial como profissionais da Educação Física, da mesma forma que os professores que atuam ensinando na graduação também precisam valorizá-las, entendendo que a prática é um importante recurso de ensino, principalmente para desenvolver a perspectiva da Cultura Corporal de Movimento. Uma vez que, em tal perspectiva, a prática deveria estar alinhada com o conhecimento voltado para como se ensina e não para a reprodução técnica do movimento, do jogo ou do esporte sem a mobilização da reflexão.

Não queremos a prática pela prática. Precisamos trazer esses conhecimentos para o nosso dia a dia, experienciar situações reais e não hipotéticas. Não podemos ter só experiências do nosso contexto escolar, de quando cursávamos o Ensino Básico, ou só quando já estivermos imersos no mercado de trabalho, atuando como professor. É preciso que a formação inicial da Universidade seja capaz de agregar muito mais experiências para que consigamos nos desvencilhar dos desafios impostos pela atuação profissional, estando muito mais bem preparados e capacitados na Educação Física, uma área ainda tão desacreditada e que recebe constantemente olhares preconceituosos. Schon (1992) complementa que é preciso buscar outro modelo que contemple as competências necessárias para as situações práticas enfrentadas na profissão pelo professor de Educação Física.

Não estamos com isso cultivando o saber-fazer, mas queremos destacar a importância das práticas para a realidade da atuação do professor de Educação Física, a fim de que a formação inicial dê condições para que seja construído um agrupamento maior das experiências voltadas para este aspecto.

Outra questão também significativa para a formação de professores é a Didática, algo muito abordado entre os cursos, principalmente na área pedagógica.

A Didática, em seus primórdios, era algo apenas discutido no âmbito das classes elitizadas. Entretanto, no século XVII, na região da Europa Central, João Amós Comênio, conhecido também como o pai da Didática, ao escrever o livro *Didática Magna*, dissipou esses conhecimentos, contribuindo para que um número maior de pessoas, que se dedicavam a ensinar, passassem a pensar sobre isso (BARBOSA, 2010).

Alguns autores explicam a Didática com uma perspectiva mais técnica, definindo-a como: “[...] o estudo do conjunto de recursos técnicos que tem em mira a aprendizagem” (NÉRICI, 1983 *apud* BARBOSA, 2010, p. 30). Para Faria Junior (1981 *apud* BARBOSA, 2010, p. 32): “O objetivo específico da Didática é o estudo das técnicas do ensino”. Outros autores pensam a didática na relação entre educação e sociedade: “A Didática, ao preocupar-se com o processo de ensino-aprendizagem, procura estudar os vários fatores que se relacionam, direta e indiretamente, com esse processo” (BARBOSA, 2010, p. 34).

Para Libâneo (2017), a Didática:

Investiga os fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos sociopolíticos e pedagógicos em objetivos de ensino, selecionar conteúdos e métodos em função desses objetivos, estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem, tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos. (LIBÂNEO, 2017).

Assim, entendemos que a Didática é o modo com que conseguimos ensinar nossos alunos, pensando nas práticas pedagógicas, no intuito de despertarmos seus interesses. Não adianta apenas “passar” os conteúdos se não houver aprendizado. Barbosa (2010) completa dizendo que o professor deve se preocupar com a importância social do seu ensino, e caso o aluno não esteja interessado, isso poderá estar indicando que o conteúdo não o ajuda a entender a realidade. Segundo Libâneo

(1994, *apud* BARBOSA, 2010) o professor deve saber fazer pontes entre o conteúdo e o contexto real do aluno.

Saber sobre Didática e colocar tal conhecimento em prática é um aspecto importante como professor, na medida em que isso auxilia os alunos a entenderem melhor o que os cerca, contribuindo com uma aprendizagem significativa e que estabelece sentido para os alunos e suas relações com o mundo e com as pessoas.

1.2 Disciplinas esportivas na formação inicial em Educação Física

O esporte em nosso país, especialmente o futebol, está muito presente no nosso dia a dia, seja como prática em forma de lazer, noticiários ou jogos televisivos. Isso teve uma grande demanda na Ditadura Militar, momento no qual a Educação Física escolar se tornou esportivista, cujo o objetivo era a aprendizagem da modalidade esportiva. Essa esportivização teve um grande reflexo nas disciplinas que abordam o esporte nos cursos superiores em Educação Física, carregando esses elementos até os dias de hoje.

Disciplinas ofertadas no Ensino Superior em Educação Física, em relação aos esportes, tornou-se algo muito mais técnico e cheio de especificidades do que algo que procura gerar algum pensamento mais reflexivo e crítico sobre a modalidade. Segundo Go Tani (1996) é difícil diferenciar uma vivência prática de Voleibol do curso de Educação Física de uma vivência prática no ambiente escolar.

Dessa forma, os professores formados por esse modelo de curso tornam-se técnicos especializados, incapazes de pensarem criticamente sobre os meios e os fins de uma política escolar, sobre o seu papel de educador e o que deve ser feito em sala de aula para uma formação crítica do educando (AZEVEDO, 2009, p. 76).

O profissional de Educação Física é visto mais por uma atuação prática do que teórica. “A figura de um executor, muito mais que de um pensador” (LAWSON, 1984; RARICK, 1967 *apud* TANI, 1996, p. 3), e isso resulta da sua formação inicial profissional.

As vivências práticas na área, técnicas e táticas, são muito importantes e indispensáveis, porém temos também que gerar reflexões a serviço desse nosso conhecimento. De acordo com Euzébio e Ortigara (2011) o “saber jogar” é necessário,

no entanto, seria um erro brutal fixarmos nosso pensamento apenas nisso, comprometendo toda uma prática pedagógica, na qual o esporte não é apenas regras, técnicas e táticas, mas a busca por relacionar-se à profissão.

A busca pela esportivização ainda está presente em muitos cursos, fazendo parte das orientações de docentes. “É uma concepção ainda prevalecente em muitos cursos, especialmente nas instituições privadas” (BETTI; BETTI, 1996, p. 10).

Com tudo, sintetizamos três pontos importantes: a teoria-prática se faz muito dicotômica e distante da realidade; a Didática se faz necessária para que nós como futuros professores nos preocupemos com o processo de ensino-aprendizagem; e por fim, precisamos dissipar a esportivização que está tão ligada às disciplinas esportivas do Ensino Superior em Educação Física, de modo a diminuir os aspectos técnicos-táticos e aumentar as reflexões.

Com base na conceituação e problematização da formação inicial do curso de Educação Física, serão apresentados, a seguir, os processos metodológicos desenvolvidos neste estudo.

CAPÍTULO 2

PROCESSOS METODOLÓGICOS

Este estudo corresponde a uma pesquisa qualitativa, na qual se tem por objetivo investigar uma realidade, ou seja: “[...] apresenta-se como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pela realidade em investigação” (RIBEIRO, 2008, p. 132). O pesquisador é um instrumento fundamental que tem o ambiente natural como fonte de dados, valorizando o contato direto, preocupando-se com o processo e não apenas com os resultados (GODOY, 1995).

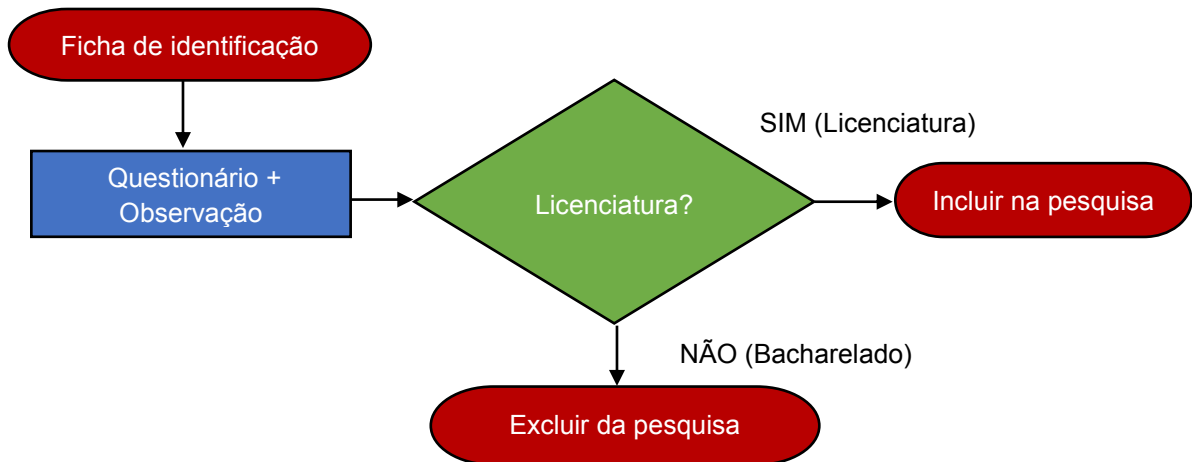
Para este estudo participaram 11 graduandos, sendo 5 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com idade entre 18-25 anos, de uma Universidade Pública. Os participantes estavam cursando o 1º e o 2º ano de Educação Física, período integral e noturno, e a pesquisa teve duração de 12 semanas. Todos autorizaram a realização da pesquisa ao assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2.1 Delineamento

Inicialmente, por meio de uma ficha de cadastro, foram identificados aqueles que fariam a opção pelo curso de licenciatura em Educação Física de uma Universidade Pública do interior do Estado de São Paulo. Isso foi feito, porque o curso superior envolvido no estudo se estrutura com base em um tronco comum, abrangendo a licenciatura e o bacharelado. Após a realização deste tronco comum, os graduandos fazem a escolha pela área que desejam realizar (licenciatura ou bacharelado).

No segundo momento, foi realizada a visita da pesquisadora nas aulas práticas de determinadas disciplinas: Natação, Karatê e Handebol, disciplinas essas que estavam sendo ofertadas no semestre. Com o intuito de identificar os graduandos que não estavam participando da aula prática, foi aplicado um questionário com perguntas referentes ao curso e à formação profissional. No mesmo dia da aplicação do questionário, foi feita uma observação semiestruturada da aula prática, de modo que as informações do questionário e da observação pudessem nos auxiliar na correlação com a fidedignidade dos dados.

FLUXOGRAMA 1 – Delineamento do estudo



Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.1.1 Ficha de Cadastro

A ficha de cadastro (APÊNDICE A) foi utilizada no primeiro momento da coleta para identificar os alunos – possíveis participantes desta pesquisa. Nesta ficha foram separados os alunos ingressantes do bacharelado dos alunos ingressantes da licenciatura.

2.1.2 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) é um documento oficial, que possui todas as informações e procedimentos que ocorrerão durante as avaliações. É de total responsabilidade do participante a realização da leitura e assinatura do mesmo, caso haja concordância das informações. “A obtenção do TCLE é um processo que tem por objetivo permitir que a pessoa (“o sujeito”) compreenda os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos, dando condições para que haja uma decisão autônoma” (ALVES, 2005, p. 26).

2.1.3 Questionário

O questionário consiste em obter respostas buscando atingir um objetivo. Conforme Marconi e Lakatos (2003, p. 201), o questionário é “instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”.

Para o nosso estudo, o questionário (APÊNDICE C) elaborado continha três perguntas, e foi aplicado aos alunos do curso de Educação Física (Quadro 1) durante as aulas práticas. Tal processo teve como o objetivo identificar se os alunos da licenciatura participavam ou não das aulas práticas, bem como os motivos que os levavam a não participação. Ainda havia a expectativa de verificar a valorização ou não atribuída pelos graduandos às aulas práticas para a sua formação como futuro professor.

Quadro 1 – Roteiro de Perguntas

Roteiro de Perguntas
1 - Porque você não está participando da aula prática hoje? Qual(is) o(s) motivo(s)?
2 - Sua frequência de não participação costuma ser alta ou não? Por que?
3 - Você acredita que a aula prática é importante ou não para sua formação como professor? Por que?

Fonte: Acervo da pesquisadora.

2.1.4 Observação Semiestruturada

A observação “[...] não consiste apenas em ver, ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 190). Para Lima *et al.* (1999), é uma forma de capturar a realidade empírica, além de ser considerada a forma mais antiga e mais moderna técnica de pesquisa (GOODE; HATT, 1979). Lima *et al.* (1999, p. 131) ainda cita que “para que se torne válida e fidedigna, requer planejamento em relação ao que observar e como observar”. Em razão disso, em nosso estudo utilizamos a observação semiestruturada.

Assim como as entrevistas semiestruturadas são um roteiro planejado que possuem perguntas abertas (MANZINI, 2004), as observações semiestruturadas possuem o mesmo objetivo, contendo um planejamento, que visa atender critérios

preestabelecidos (DUARTE, 2004). A seguir (Quadro 2), serão apresentadas as questões semiestruturadas que foram utilizadas para a realização da observação.

As observações (APÊNDICE D) foram feitas pela pesquisadora durante as aulas práticas das modalidades esportivas, com o objetivo de estabelecer relações com os dados obtidos pelo questionário.

Quadro 2 – Roteiro de Observação

Roteiro de Observação
1 - O aluno não está participando da aula?
2 - É a primeira vez que ele não está participando ou já houve outras vezes?
3 – Não participou da aula como todo ou apenas em uma parte dela (início ou fim)?

Fonte: Acervo da pesquisadora.

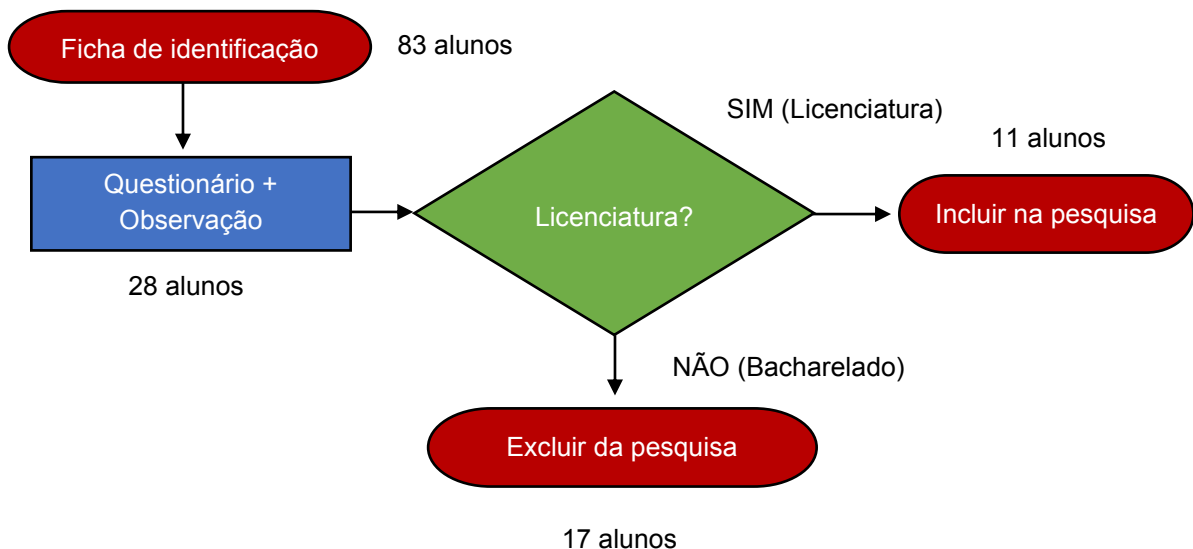
CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Apresentação dos resultados

Com base na coleta realizada para o referido trabalho, pudemos observar os dados da pesquisa em relação ao fluxograma, citado no capítulo anterior (Fluxograma 2).

FLUXOGRAMA 2 – Dados do delineamento do estudo



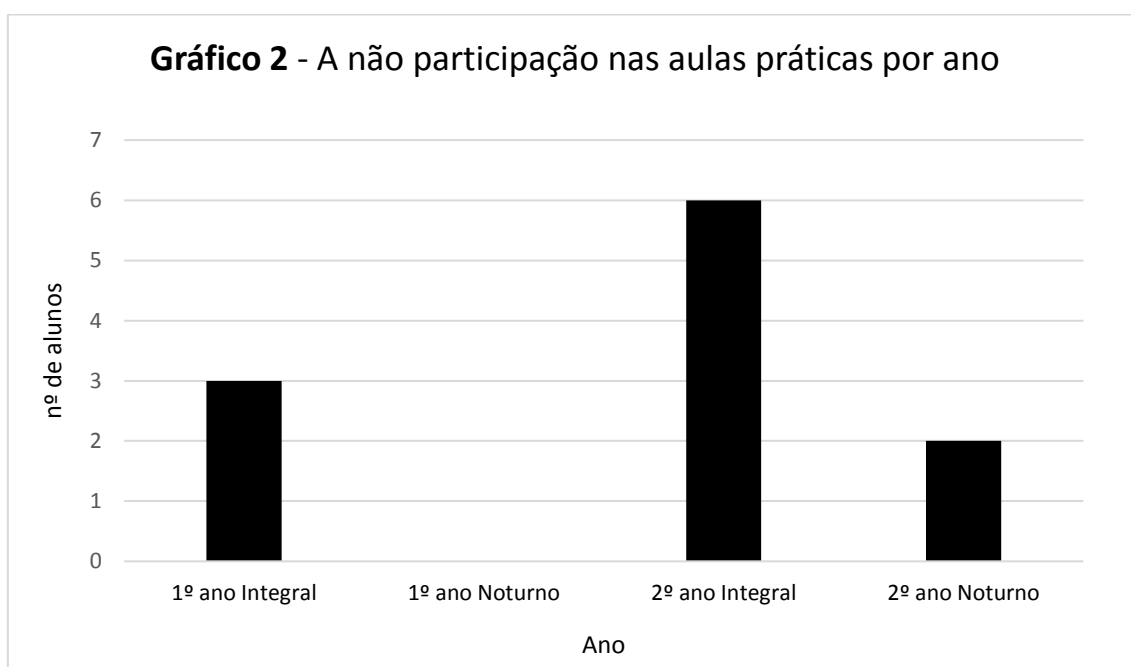
Fonte: Acervo da pesquisadora.

Com o filtro de dados no delineamento, notamos no gráfico seguinte o número de alunos selecionados para a pesquisa, ou seja, aqueles que não participaram das aulas práticas e que seguirão na área da licenciatura, separados por sexo (Gráfico 1).



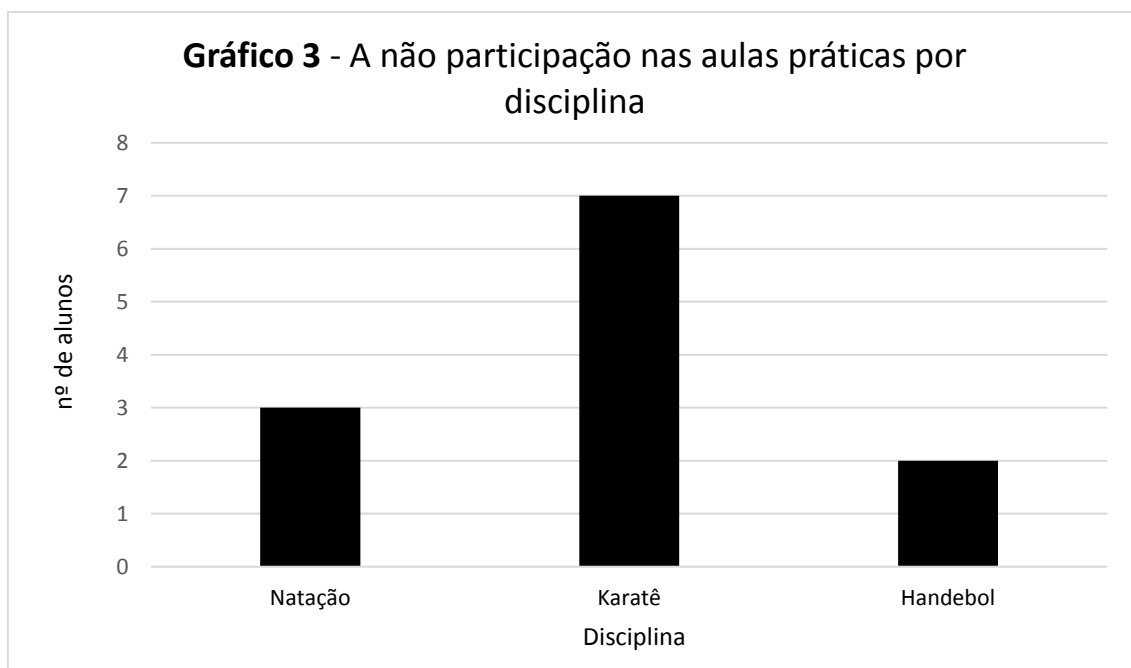
Fonte: Acervo da pesquisadora.

O Gráfico 2 apresenta a divisão dos alunos que não realizaram as aulas práticas por ano e por período.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O Gráfico 3 apresenta o número de alunos que não participaram das aulas práticas separadas por disciplinas.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O Quadro 3 apresenta, em linhas gerais, os motivos encontrados que levaram os alunos a não participarem das aulas práticas.

Quadro 3 – Motivos da não participação nas aulas práticas

Motivos
Dor muscular/Lesão
Problemas de saúde
Menstruação
Desânimo

Fonte: Acervo da pesquisadora.

A seguir, serão apresentadas as respostas dos 11 alunos, das três respectivas perguntas: motivos, frequência e importância para a formação.

Aluno 1

1 – “Dores intensas nos ombros”.

2 – “Não, pois gosto de vivenciar as atividades propostas pelo professor”.

3 – “Acredito ser importante participar das aulas práticas para assim acumular-nos experiência para caso necessitar, demonstrarmos na hora de ensinar”.

Aluno 2

- 1 – *“Estou menstruada”.*
- 2 – *“Não, porque acho muito importante a participação na parte prática”.*
- 3 – *“Sim, muito importante, pois nossa área requer muita prática, demonstração para os alunos e clientes”.*

Aluno 3

- 1 – *“Estou doente e menstruada”.*
- 2 – *“Não. Participei de todas as demais”.*
- 3 – *“Sim. Aprender com base na vivência é necessário, não deixando de lado o ensino teórico. Tendo vivência, conseguimos saber como se sente o aluno”.*

Aluno 4

- 1 – *“Problemas de saúde. Estou com virose”.*
- 2 – *“Não. Porque sempre venho as aulas”.*
- 3 – *“Sim, muito importante, pois assim podemos aprender de uma melhor forma e vermos nossos erros”.*

Aluno 5

- 1 – *“Estou passando por um processo de manutenção de condromalácia nos joelhos direito e esquerdo”.*
- 2 – *“Não, porém esse semestre tive um aumento de não participação por conta do problema citado acima”.*
- 3 – *“Acredito que sim, prática é um complemento para a teoria e vice-versa”.*

Aluno 6

- 1 – *“Hoje não estou muito animada para a aula prática e além disso está muito calor, o que me desanima mais ainda”.*
- 2 – *“Minha frequência de participação costuma ser alta, pois busco dar o meu melhor na realização das atividades”.*
- 3 – *“Acredito que é importante, porque é através da aula prática que exercitamos o que aprendemos na teoria, facilitando a fixação do aprendizado”.*

Aluno 7

- 1 – *“Tive uma lesão jogando futebol americano e ainda não sei o que é, porém ainda não posso treinar”.*
- 2 – *“Não costuma, pois eu adoro as práticas por mais que sejam cansativas e algumas chatas”.*
- 3 – *“Com certeza, pois ensina os fundamentos e como agir em uma aula prática”.*

Aluno 8

- 1 – *“Não estou participando da aula prática pois sofri dois acidentes na academia que frequento, machucando os dois joelhos e o cotovelo direito”.*
- 2 – *“Nas últimas semanas não participo por conta dos machucados”.*
- 3 – *“Acredito que a prática é importante para a formação, mas não o maior fator da formação em si. O futuro professor deveria ter a experiência de vivenciar a prática que pode vir a passar no futuro, mas não deve-se descartar demais ferramentas que auxiliam o professor, devendo ser passado ao futuro professor, além da prática, as ferramentas possíveis, para aqueles que são impossibilitados de ter a vivência”.*

Aluno 9

- 1 – *“Não estou fazendo por questões de saúde. Tenho protrusão do disco intravertebral da L5 com a S1, sendo assim tendo algumas crises agudas de dor”.*
- 2 – *“Não. Porque procuro sempre ser participativo nas aulas e acredito que é necessária a aquisição de máxima experiência corporal”.*
- 3 – *“Acredito ser de extrema importância a vivência corporal na formação, pois é a partir dela que temos a possibilidade de absorver o máximo de domínio sobre o assunto”.*

Aluno 10

- 1 – *“Comecei a fazer o uso de um medicamento que, no início, costuma deixar o usuário mais “aéreo” e sonolento, além de trazer uma certa dificuldade por proporcionar maior relaxamento”.*
- 2 – *“Não. Normalmente gosto e participo das aulas práticas”.*
- 3 – *“Sim. Para se ensinar algo, acredito que seja primordial ter, pelo menos, o mínimo de vivência no esporte e conhecer suas variáveis”.*

Aluno 11

1 – “Dores musculares na região da coxa e glúteo e gripe”.

2 – “Não, pelo fato de buscar o aprimoramento na disciplina do Karatê”.

3 – “Sim, para aumento do repertório de práticas corporais e para o conhecimento da luta e suas representações”.

3.2 Análise dos resultados

O presente estudo investigou quais seriam os possíveis motivos que levam os alunos do curso de formação superior a não participar das aulas práticas oferecidas na grade de disciplinas do tronco comum do curso de Educação Física, concomitantemente, procurando investigar se os mesmos acreditam que essas aulas são essenciais para sua formação.

No Gráfico 1, separamos estes alunos por sexo, feminino e masculino, e verificamos que a quantidade de homens e mulheres que não participam são semelhantes, diferindo-se apenas por um aluno. Estes resultados não se aproximam dos resultados encontrados nas pesquisas em relação ao Ensino Fundamental e Ensino Médio, pois os dados encontrados nessas pesquisas na maioria são da não participação feminina. No estudo realizado por Jacó (2008), no Ensino Fundamental, a porcentagem de meninas não participantes foram de 83%, um número altamente elevado. Em outro estudo (MODENESE, s.d.) investigou a não participação desde o 1º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio. Pode-se observar que em todos os anos, exceto na 1ª série do Ensino Médio, o número da não participação foi maior por parte das meninas. Por fim, segundo Mariano, Miranda e Metzner (2017) também observa-se que a não participação feminina no Ensino Médio foi de 20 meninas para 13 meninos, o que corresponde a 57,9%. Assim podemos concluir que os motivos da não participação dos graduandos nas aulas práticas não são por motivos de gênero.

O Gráfico 2, como apresentado, mostra o número dos participantes separados por ano de curso. Aqui podemos verificar que os alunos que ingressaram no Ensino Superior este ano são mais participativos, quando comparados aos alunos do 2º ano, assim como os discentes do período noturno, os quais são mais participativos do que os discentes do período integral.

No último gráfico apresentado (Gráfico 3) vemos essa distribuição por disciplinas, ficando em destaque que a disciplina de Karatê é a que possui mais alunos não participantes em suas aulas práticas. Isto acontece em virtude de uma ênfase no processo de ensino-aprendizagem apenas e somente no âmbito técnico, não abordando aspectos pedagógicos e, por este fator, acaba afastando alguns alunos. Sabemos que assim como na Educação Física escolar, o ensino das técnicas e táticas se faz importante durante a abordagem do conteúdo, porém não podemos ficar presos somente nesta instrumentalização, buscando desenvolver em nossos alunos valores, pensamento críticos, socialização, discriminação etc. “Muitas disciplinas esportivas mantêm ainda um cunho técnico-desportivo sem qualquer fundamentação sociopedagógica crítica, indicando ausência de reflexão, sobre a autonomia e identidade pedagógicas da EF” (FERREIRA, 1998, p. 109).

Assim também se faz presente durante a formação inicial em Educação Física, em que o docente não pode se prender ao conceito técnico-tático, precisa começar a pensar também no aspecto pedagógico do esporte. Molina Neto (1995) diz que a disciplina de futebol, durante a graduação, se limita apenas aos fundamentos, regras e normas oficiais.

[...] a formação atual de grande parte dos profissionais de educação física, que se dá na maioria dos mais de 150 cursos superiores espalhados pelo Brasil ainda não conseguem tratar o esporte nas suas dimensões históricas, culturais, sociológicas, econômicas, como fenômeno de marketing, etc. A grande quantidade de horas nas disciplinas que tratam o esporte nos cursos de formação profissional em educação física ainda é destinado aos aspectos técnicos das modalidades, fazendo que os alunos, futuros professores, pratiquem os fundamentos esportivos na duvidosa premissa de que basta aos alunos saberem fazer para saberem ensinar futuramente. (DAOLIO, 1998, p. 111-112).

Castellani Filho (1998) cita que, desde sua formação na graduação, nada mudou em relação às disciplinas esportivas. Gonzalez (2004) comenta também sobre este aspecto: “isso não seria tão alarmante se não fosse o fato de que passados 30 anos, a maioria dos cursos de Educação Física continuam trabalhando dessa mesma forma”.

Apesar desses estudos terem sido produzidos e publicados na década de 1990, hoje, infelizmente, ainda temos isso fortemente presente em nossa formação. Esse tipo de discussão, sobre a presença esportiva e técnica durante a formação inicial de professores de Educação Física, vem e vão a todo momento, mas o que parece é que

nada se consegue fazer para que currículos e docentes mudem suas atitudes em relação a este assunto.

[...] a preparação profissional no seu sentido amplo é um processo extremamente complexo, cuja discussão não pode ser restrita apenas à implementação de uma grade curricular [...] A preparação profissional depende também do nível de maturidade acadêmica [...] além da qualidade do corpo docente (TANI, 1996, p. 1-2).

Em relação ao questionário aplicado em pesquisa, a primeira pergunta realizada – “Porque você não está participando da aula prática hoje? Qual(is) o(s) motivo(s)?”, o Quadro 3 apresenta esses motivos, da não participação, citados pelos próprios alunos. Com base nas respostas, verificamos que a dor muscular/lesão e problemas de saúde aparecem em quatro respostas, a menstruação parece em duas respostas e o desânimo em uma resposta.

Na segunda pergunta – “Sua frequência de não participação costuma ser alta ou não? Por que?”, todos os alunos responderam que a frequência da sua não participação é baixa, citando que aquele dia foi um dia esporádico. Destes 11 alunos que participaram ativamente da pesquisa, apenas uma aluna se repetiu em não participar da aula prática, nesse caso, em outra disciplina.

Por fim, a terceira pergunta – “Você acredita que a aula prática é importante ou não para sua formação como professor? Por que?”, todos afirmaram que as aulas práticas são importantes sim para a formação como professor, mas ao mesmo tempo que eles dizem ser importante para a formação inicial, eles se ausentam das aulas práticas, tornando-se algo contraditório. Pode-se observar que a maioria diz não participar da aula por motivos de saúde e lesão, mas estes que afirmam tais motivos, em outras visitas às aulas práticas foram vistos participando da aula prática, o que pode ser entendido como um fator de omissão, dizendo uma coisa no questionário enquanto na realidade é outra.

Alguns deixaram de participar por motivos considerados menos importantes, ao nosso ver, pois o fato de estar no ciclo menstrual não impede com que as alunas deixem de participar. Ainda houve a relação do desânimo, o que nos faz repensar como está sendo trabalhada a aula em questão e se o professor busca uma aproximação e estratégia com o aluno para tentar trazê-lo de volta, estimulando sua motivação e interesse. A motivação é sempre algo intrínseco, já o interesse pode partir do interno e do externo (HAYDT, 2011).

A participação dos alunos nas aulas práticas dentro do curso de graduação em Educação Física se faz importante, pois só com a experiência prática que o aluno poderá ter o mínimo de noção da prática e conhecimento corporal que se faz presente em determinada atividade. “A vivência prática desempenha um importante papel enquanto mecanismo que possibilita a verificação “experimental” do conhecimento no processo de sua aquisição” (TANI, 1996, p. 6). Com relação a isso, é importante que nós, alunos em formação inicial, tenhamos a consciência que realizar as aulas práticas é fundamental para nossa formação. Independente da didática, estratégia ou conteúdo dos docentes que a ministram, precisamos estar em constante movimentação para que o aprendizado se estabeleça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de formação inicial em Educação Física foi criado no ano de 1931 e, desde então, percorreu diversas mudanças até o que conhecemos hoje com base em duas formações: licenciatura e bacharelado.

Hoje o currículo do curso é, de um modo geral, dividido entre disciplinas teóricas e disciplinas práticas. As práticas, na sua grande maioria, estão relacionadas aos conteúdos esportivos, ficando a critério do docente decidir as estratégias, a didática, o método e o conteúdo a ser utilizado. Assim, muitas vezes, ocorrem defasagens em razão da prioridade de determinado aspecto em detrimento de outros.

As vivências práticas se fazem muito importantes para o aprendizado do graduando, pois só com a prática há conhecimento e experiência corporal do que está sendo ensinado, minimizando a teoria, pois ambas têm suas importâncias e papéis na formação. Diante desses aspectos, procuramos entender os motivos que fazem com que os graduandos, em especial aqueles do curso de licenciatura, não participem das aulas práticas que são oferecidas durante o tronco comum, ao mesmo tempo, procurando entender se esses alunos enxergam essas aulas como importantes ou não para a sua formação.

A partir dos resultados, podemos sinalizar que a maioria dos alunos participavam das aulas práticas, mas uma pequena parcela dos graduandos não se envolve neste processo, o que pode comprometer a formação. Apesar da unanimidade dos entrevistados terem dito que acham as aulas práticas importantes, ainda falta algo para que eles coloquem esta importância à frente. Isso pode se dar também pelo modo como o próprio docente da universidade conduz sua aula, e por essa razão tal aspecto também carece de estudos para que possamos melhor compreender este cenário, principalmente porque estamos falando da formação inicial.

Finalizamos o estudo apontando que devemos começar a repensar nossa postura como alunos da graduação, porque em algum momento nos tornaremos professores e, este mesmo aluno que se negou a realizar a aula prática durante sua formação, deverá mobilizar seus alunos da Educação Básica a construir conhecimentos sobre a Educação Física escolar também por meio da vivência de aulas práticas. Sob este ponto de vista, como poderemos trazer este aluno, que diz não gostar, estar desanimado, entre inúmeros motivos, para a nossa aula? Como

iremos nos portar diante deste problema se, na formação inicial, como graduando, não soubermos atribuir valor para isso? Claro que a “culpa” não pode cair só sobre o graduando, mas também sobre os professores universitários do curso de Educação Física que precisam se mobilizar na reflexão sobre o papel das vivências das atividades práticas no curso de graduação em Educação Física, especialmente no curso voltado para a formação de professores. Cabem aí outras questões: Como conduzo minhas aulas? Como é a minha relação com meus alunos? Que valor atribuo às atividades práticas para a formação dos graduandos? Qual a relação destas vivências com a formação e atuação profissional?

Uma das limitações deste estudo se deu em relação ao número de participantes, o qual pode ser considerado uma quantidade baixa e também pelo número de observações feitas por turma, devendo ser o ideal o acompanhamento durante todo o semestre. Os poucos estudos encontrados sobre a relação entre formação inicial na Educação Física com as aulas práticas e os motivos que levam os alunos a não participarem das aulas práticas, sinalizam para a necessidade de mais investigações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, E. **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**. Ética, ano 3, n. 2, mar./abr., 2005.
- ARANTES, A. C. **A história da Educação Física escolar no Brasil**. Revista Digital, Buenos Aires, ano 13, n.124, set., 2008.
- _____. **Apontamentos pessoais para a Disciplina Estrutura e Funcionamento do Ensino**. Faculdades Ítalo Brasileira. 2002. 2p (mimeo).
- AZEVEDO, A. C. B. **Esporte, ensino e Educação Física**. In: MALINA, A.; CESÁRIO, S. Esporte: fator de integração e inclusão social? Campo Grande: Ed. UFMS, 2009. p. 71-83.
- BARBOSA, C. L. A. **Educação Física e Didática: um diálogo possível e necessário**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BETTI, I. C. R.; BETTI, M. **Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física**. Motriz, v. 2, n. 1, jun., 1996.
- BRASIL. Decreto-lei n. 1.212, 2 mai. 1939.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. SP: Autores Associados, 1998.
- CAVALHEIRO, F. C. et al. **Educação Física Militarista**. S.d. 11p.
- DAOLIO, J. **Fenômeno social esporte na formação profissional em educação física**. Revista da Educação Física/UEM 9 (1) p. 11-115, 1998.
- _____. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1998. (Coleção Corpo e Motricidade)
- DARIDO, S. C. **Teoria, prática e reflexão na formação profissional em Educação Física**. Motriz, v. 1, n. 2, p. 124-128, dez., 1995.
- DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-255, 2004.
- EUZÉBIO, C. A; ORTIGARA, V. **Na teoria a prática é outra? Análise do conhecimento esporte nos cursos de formação inicial de professores de Educação Física no sul catarinense**. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 653-669, jul./set., 2011.
- FERREIRA, M G. **Metodologia de ensino do basquetebol no curso de formação de professores de educação física: Um relato de experiência**. In: *Pensar a prática*. (1) p. 107-124, 1998.

GHIRALDELLI Jr., P. **Educação Física progressista: A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Rev. de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.

GOMEZ, A. P. **O pensamento prático do professor: a formação do profissional como profissional reflexivo**. In NOVÓIA, A. Os professores e a sua formação, Lisboa: Dom Quixote, 1992.

GONZALEZ, F. J. **O estudo do esporte na formação superior em Educação Física: construindo novos horizontes**. Movimento, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 213-229, jan./abr., 2004.

GOODE, W.; HATT, P. **Métodos em pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

HAYDT, R. C. C. **Curso de Didática geral**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

JACÓ, J. F. **Educação Física e Adolescência: "Professor, não vou participar da aula!"**. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2017.

LIMA, M. A. D. da S.; et al. **A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de Enfermagem**. Rev. gaúcha Enferm., Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 130-142, 1999.

MANZINI, E. J. **Entrevista semi-estruturada: Análise de objetivos e de roteiros**. In: Seminário Internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos. A pesquisa qualitativa em debate. Anais. Bauru, 2004.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARIANO, G. S. et al. **Fatores que levam ao desinteresse dos alunos do Ensino Médio em participar das aulas de Educação Física**. Rev. Educação Física UNIFAFIBE, Bebedouro, v. 5, p. 7-18, set., 2017.

MARINHO, I.P. **Contribuição para a história da educação física no Brasil**. Brasil Colônia, Brasil Império, Brasil República. Imprensa Nacional. 1943. 570p.

MOLINA NETO, V. **Uma experiência de ensino do futebol no currículo de licenciatura em Educação Física**. Revista Movimento, Porto Alegre, ano 2, n. 2, p.29-37, 1995.

PAIVA F. S. L.; PAIVA, P. R. L. **Sobre o ensino da gymnástica**. V Encontro Fluminense de Educação Física escolar. EFEFE. Universidade Fluminense. Departamento de Educação Física e Desportos. Anais. 2001.

PEREIRA, M.M.; MOULIN, A.F.V. **Educação Física**: Fundamentos para a intervenção do profissional provisionado. Brasília: CREF7, 2006. 241p.

RIBEIRO, E. A. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. Evidência, Araxá, n. 4, p. 129-148, 2008.

SÃO PAULO. **Educação Física**. Legislação Básica (Federal e Estadual). Org. e Comp. de Leslie Maria José da Silva Rama e José Álvaro Pereira dos Santos. São Paulo, Secenp, 1985.

SCHON, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: Novóia, A. Os professores e a sua formação, Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SHULMAN, L. S. **Those Who Understand**: Knowledge Growth in Teaching. Educational Researcher. v. 15, n. 2, fev., 1986, p.4-14.

SOARES, C. L., et al. **Metodologia do ensino na Educação Física**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA NETO, de S. et al. **A formação do profissional de Educação Física no Brasil**: Uma história sob a perspectiva da legislação federal no século XX. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, jan., 2004.

TANI, G. **Vivências práticas no curso de graduação em Educação Física**: necessidade, luxo ou perda de tempo? Universidade de São Paulo/Escola de Educação Física, n. 2, 1996.

APÊNDICE A – FICHA DE CADASTRO

Data: _____

Nome: _____

Ano: _____ Semestre: _____ Período: _____

Opção:

☐ Licenciatura☐ Bacharel☐ Não sabe

Justificativa: _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU

Faculdade de Ciências

Departamento de Educação Física

Bauru, _____ de _____ de 2018.

Solicitamos vossa autorização para realização do estudo intitulado “As disciplinas esportivas e as aulas práticas no curso de formação superior em Educação Física: perspectivas de graduandos” de autoria de Letícia Lopes Cezar, aluna do curso de Educação Física/UNESP, orientada pela Prof.^a Dra. Lilian Aparecida Ferreira.

A pesquisa tem por objetivo identificar e analisar o que os graduandos do curso de Educação Física da UNESP/Bauru pensam sobre as aulas práticas das disciplinas esportivas e sobre suas participações nestas aulas. O entendimento deste processo poderá auxiliar na reconfiguração curricular e das disciplinas/aulas.

A coleta de dados compreenderá observações de aulas e aplicação de questionário aos graduandos do curso de Educação Física do Departamento de Educação Física da Faculdade de Ciências/UNESP-Bauru para uso exclusivamente acadêmico-científico.

Salientamos que o nome do participante será mantido em sigilo, podendo tirar suas dúvidas sobre o desenvolvimento do estudo a qualquer momento que julgar necessário. Poderá haver algum tipo desconforto na hora de responder o questionário, contudo, a graduanda, responsável pela coleta, oferecerá todo o suporte necessário para minimizá-lo.

Esclarecemos, ainda, que o graduando poderá deixar de colaborar nesta pesquisa a qualquer momento que desejar ou mesmo não responder a questões que julgar “inconvenientes”, sem que isso lhe cause qualquer ônus.

A participação nesse estudo é gratuita, não havendo qualquer ressarcimento para os participantes nem para seus pais ou responsáveis.

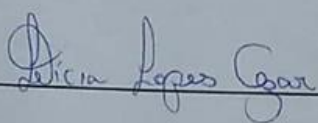
Eu _____, portador (a) do documento de identidade _____, estou ciente em participar da pesquisa aqui apresentada, e autorizo a divulgação e publicação das informações prestadas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Assinatura do (a) participante

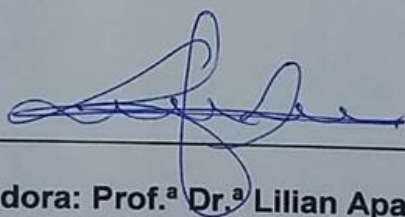
Pesquisadora responsável: Letícia Lopes Cezar

leticialopescezar@hotmail.com

(14) 99611-6911



Autora: Letícia Lopes Cezar



Orientadora: Prof.ª Dr.ª Lilian Aparecida Ferreira